



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FABIANA LIMA DA SILVA

**O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS:
EXPRESSÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR NA DÉCADA DE 1980**

**GUARABIRA
2019**

FABIANA LIMA DA SILVA

**O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS:
EXPRESSÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR NA DÉCADA DE 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva.

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Fabiana Lima da.
O movimento das lavadeiras e empregadas domésticas [manuscrito] : expressões da educação popular na década de 1980 / Fabiana Lima da Silva. - 2019.
35 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Verônica Pessoa da Silva, Departamento de Educação - CH."
1. Lavadeiras. 2. SEDUP. 3. Educação Popular. 4. Empregada Doméstica. I. Título

21. ed. CDD 370.115

FABIANA LIMA DA SILVA

**O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS:
EXPRESSÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR NA DÉCADA DE 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação de Jovens e Adultos.

Aprovada em: 11/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Verônica Pessoa da Silva.

Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

Gisania Carla de Lima

Profa. Ma. Gisania Carla de Lima (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/PPGE/CÂMPUS I)

Ivonildes da Silva Fonseca

Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CH/DE)

A minha mãe, pela dedicação e por ter me
servido de inspiração, DEDICO.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter chegado até aqui, onde muitas vezes pensei em desistir.

Ao meu esposo pelo incentivo e compreensão e, por sempre estar ao meu lado, me apoiando, acreditando em mim e dando-me forças.

Aos meus pais, por acreditarem que meus esforços não seriam em vão e pelo seu amor incondicional.

À minha filha, pela compreensão de minha ausência.

À Maria Valéria Rezende (madrinha), por ter sido tão presente na minha infância e ter me servido como exemplo.

Ao SEDUP, por me ter aberto as portas, pela colaboração na obtenção de dados.

À minha orientadora Verônica Pessoa, por seu empenho e dedicação.

Aos demais familiares e, a todos que direto ou indiretamente, fizeram parte da minha formação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo resgatar a história de uma organização de mulheres criada em Guarabira/PB na Década 1980, intitulada “Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas”. Esta organização atuou na perspectiva da Educação Popular e trouxe significativas contribuições para a organização do grupo de mulheres que dela participavam. Nessa construção, o SEDUP – Serviço de Educação de Popular – foi um parceiro ativo na construção e realização desse momento no tocante ao acesso à educação, visando à busca por garantia e melhoria de direitos trabalhistas e sociais. Como procedimentos metodológicos que permitiram a realização deste estudo, destacamos o desenvolvimento de uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico, em documentos do SEDUP e do próprio Movimento das Lavadeiras, acrescidos às leituras teóricas, bem como a aplicação de entrevista semiestruturada com mulheres que integraram o referido movimento. Objetivamos, assim, reconhecer como a organização das mulheres desse movimento trouxe contribuições para as atividades laborais que elas exerciam. Por meio deste estudo foi possível considerar que a relevância desse trabalho se dá no conhecimento e na análise da conjuntura em que essas mulheres estavam inseridas e como elas foram símbolo de resistência, visando à igualdade e a justiça social de maneira que conseguiram a promoção e a garantia de direitos trabalhistas e sociais que lhes eram negados, como legado da luta destas mulheres.

Palavras-Chave: Lavadeiras. Empregadas domésticas. SEDUP. Educação Popular.

ABSTRACT

The present work aims to rescue a history of women's organization created in Guarabira / PB in the 1980s, entitled "Movement of Washerwomen and Maids". This organization acted from the perspective of Popular Education and created contributions to the organization of the women's group she participated in. In this construction, SEDUP - Popular Education Service - was an active partner in the construction and realization of this moment with regard to access to education, monitoring the search for guarantee and improving labor and social rights. As methodological procedures that allow the accomplishment of this study, we highlight the development of a research of documentary and bibliographic character, in documents of SEDUP and of the Washing Movement itself, added to the theoretical readings, as well as the application of semi-structured interviews with women who integrate or referred movement. Thus, we aim to recognize how the women's organization of this movement made contributions to their work activities. Through this study, it was possible to consider that the relevance of this work does not provide knowledge and analysis of the conjuncture in which these women were inserted and as they were the symbol of resistance, used to use the social and the social way in a way that got a promotion and the guarantee of denied labor and social rights as a legacy of their struggle.

Keywords: Washerwomen. Housemaids. SEDUP. Popular education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM GUARABIRA	12
2.1	Breve histórico da Associação SEDUP – Serviço de Educação Popular	13
2.2	O SEDUP e a Educação Popular: Revisitando um legado	15
3	O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS: CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA	18
3.1	História do Movimento	18
3.2	A história do Movimento contada por Elas mesmas	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	29
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	30
	ANEXO B – FOTOS DAS ENTREVISTADAS E DOS MOMENTOS DE ENCONTRO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre um movimento que teve origem na década de 1980, momento em que as classes populares se organizavam nos movimentos que compunham a voz popular, intitulado “Movimento das lavadeiras e empregadas domésticas”. Esse movimento surgiu como uma das ações do SEDUP – Serviço de Educação Popular, uma ONG criada na cidade de Guarabira em fevereiro de 1981, que buscou enfrentar a demanda de organização das mulheres que se viam exploradas pelos patrões e que, tementes a eles, não reivindicavam seus direitos. No entanto, em decorrência dessa situação essas mulheres se alinharam dando surgimento a esse tão importante movimento.

O SEDUP fundou o movimento das lavadeiras e empregadas domésticas, movimento este que tivemos interesse em pesquisar para que história se torne conhecida, visto que as lutas populares fizeram diferença na sociedade. Foi, através desse movimento, que a classe das mulheres trabalhadoras da cidade de Guarabira e região passaram a conhecer seus direitos de cidadania, com clareza, vindo, assim, a trabalhar com dignidade, sabendo seus direitos e valorizando sua condição de trabalho. Esta profissão, por mais simples que seja, representa uma profissão digna como qualquer outra. Sua mão de obra é considerada barata e, muitas vezes, trocavam sua força de trabalho por um prato de comida.

Nesse sentido, a maior preocupação que o SEDUP tinha era a de apoiar essas mulheres através da ação sindical e trabalhista que as orientavam a lutar por melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida, este papel era realizado através do centro de orientação dos direitos humanos. O interesse pela pesquisa não é tão somente de base científica, mas, também, como forma de homenagear esta classe trabalhadora que para muitos passam despercebidas. Além disso, esta pesquisa, no meio acadêmico, tem caráter inédito, considerando que esses movimentos contribuíram com a sociedade abraçando então a causa dos menos favorecidos, representada pela classe trabalhadora. Também foi possível estabelecer uma ligação entre o poder público local e a sociedade, buscando meios para que essas mulheres tivessem vez e voz.

A metodologia usada para a realização deste estudo se desenvolveu por meio de pesquisa documental, bibliográfica e qualitativa. Para isso nos valem de um roteiro contendo questões-chaves que serviram como norte para a realização das entrevistas. A partir delas, procedemos a gravação e a transcrição da fala dessas mulheres, pois o contato com as histórias por elas narradas expuseram as ideias, os objetivos e a forma como acontecia esse movimento.

Além da pesquisa de campo, de natureza qualitativa, também realizamos um estudo bibliográfico, a partir do contato com obras de autores que pensam a educação popular e nos apresentam essa temática mostrando os ideais que são defendidos a importância de maneira que se possa estabelecer uma ponte entre o movimento e os ideais que são defendidos pela educação popular, tais como pertencimento, organização, igualdade.

Registramos, aqui, a história do movimento das lavadeiras e empregadas domésticas, como também fomos a campo e realizamos entrevistas com as lavadeiras egressas desses movimentos de lavadeiras e empregadas domésticas, indagando acerca das conquistas que o Movimento trouxe para a vida pessoal e profissional dessas mulheres.

Na pesquisa de campo, entrevistamos três mulheres que narraram suas trajetórias enquanto integrantes do Movimento das Lavadeiras e das Empregadas Domésticas. São elas: Suely Ferreira da Silva, Cícera Virgínio de Freitas e Maria de Fátima Lima. Essas mulheres contribuíram de modo significativo para este movimento, contribuindo para a organização reforçando a luta pela conquista de direitos que visavam mais igualdade para esta profissão.

As contribuições dadas por elas foram de grande valia, advindas das memórias dessas mulheres essas contribuições permitiram um resgate histórico que nos possibilitou conhecer como se organizavam os movimentos na década de 1980 e quais suas reivindicações.

A escolha deste tema de estudo surgiu a partir do interesse em conhecer a história do SEDUP, seu legado e luta enquanto um movimento social que caráter popular. Esta Instituição, desde a sua fundação, sempre defendeu a classe trabalhadora, desenvolvendo experiências de educação popular e dedicando-se aos movimentos sociais e aos meios populares.

A pesquisa tem como objetivo, registrar as memórias do Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas, através da história do SEDUP, avaliando a contribuição deste movimento enquanto experiência de educação popular.

2 MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM GUARABIRA

Guarabira é uma cidade do estado da Paraíba, sendo hoje um dos municípios mais populosos. É chamada de “Rainha do brejo” como uma forma de expressão, onde não é brejo mais sim agreste, pelo fato de ser a principal cidade polo de uma região que se caracteriza pela regularidade de chuvas. Teve sua fundação no ano de 1694, em terras do Engenho Morgado, mais tarde recebeu seu primeiro nome de cidade, onde passou a ser chamada de “Vila de Independência”, por força da lei provincial nº 841, de 26 de novembro de 1887, a “Vila de Independência” foi elevada à categoria de cidade, passando a ser denominada de “Guarabira”.

Em 1975, chega a Guarabira, o bispo da Diocese e Arquidiocese, D. Marcelo Pinto Cavalheira, que ao se sensibilizar com a causa dos “menos favorecidos¹”, teve a iniciativa de desenvolver ações populares que pudessem alcançar e dar assistência a moradores de periferia e trabalhadores rurais desta localidade que viviam em extrema miséria e exclusão social. Nesse processo, formaram-se os grupos de base com o apoio da igreja, composta pelo bispo, por padres, freiras e agentes de pastorais, através dessas primeiras iniciativas seria possível se trabalhar o social e ver quais seriam suas necessidades.

Estas iniciativas se faziam necessárias, tendo em vista que, além da pobreza, as comunidades conviviam com uma das maiores problemáticas, nesse contexto o acesso à educação. Para tanto, foi criado o PEM – PROJETO – Projeto Educativo do Menor, em 1976, com objetivo de dar oportunidade aqueles que não tinham condições nem acesso a rede pública de ensino, permitindo a ressignificação das lutas trabalhistas que passaram a ter um significado por meio da educação.

Em seguida, também foi fundado o CODH – Centro de Orientação dos Direitos Humanos, que objetivava dar suporte à classe trabalhadora por meio de informações de direitos relacionados à terra e questões trabalhistas. No meio rural foram surgindo outros movimentos, como a CPT – Comissão Pastoral da Terra a qual era voltada a questões relacionadas à posse da terra. E os sindicatos como consequência, resultado disso.

Em 1981, é criado o Serviço de Educação Popular (SEDUP) que passou a atuar em diversos municípios paraibanos atuando em várias linhas: mobilização e organização dos atores locais; educação e cidadania; e capacitação de atores sociais.

¹ Pessoas em situação de exclusão social que vivem à margem da sociedade sem gozarem de subsídios ou que não tem amparo suficiente das políticas públicas.

Erro! Indicador não definido.r

Para adentrarmos a discussão acerca do trabalho realizado pelo SEDUP precisamos, inicialmente, conhecer como se deu seu surgimento e qual o seu objetivo.

O SEDUP é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, fundada em 1981, no município de Guarabira/Paraíba, por iniciativa da Igreja Católica, através de D. Marcelo Pinto Cavalheira, bispo da Diocese da região episcopal do brejo paraibano. Nessa região do brejo, o SEDUP surge com o objetivo de desenvolver uma ação educativa popular junto às pastorais sociais, comunidades eclesiais de base e organizações populares, na perspectiva do fortalecimento dos sujeitos populares (MOREIRA, 2011, p. 122-123).

Percebemos, como essa citação, que o SEDUP tinha a função de ampliar as oportunidades de acesso à educação por meio de ações e de recursos educativos mediante os projetos que viessem a favorecer o trabalhador do campo e da cidade, buscando amenizar as dificuldades dos mesmos através do conhecimento e com o interesse em construir uma sociedade democrática através da ação popular onde o cidadão. Fica evidente o papel de construir cidadania, assumido por esta entidade, visa tornar esses sujeitos conscientes do seu papel no mundo, frente ao contexto de insatisfação, miséria e opressão a que estavam submetidos.

Na sua ação educativa desenvolvida pelo SEDUP, o método fundamental é o diálogo. Portanto todos os procedimentos, técnicas, recursos comunicacionais, conteúdos são mobilizados e coordenados como o objetivo de construir processos dialógicos nos quais o ser humano se constitui como sujeito no ato de aprender e transformar a realidade (SEDUP, 2004 - 2006, p. 21).

Nesta trajetória, a igreja católica, de matriz progressista, teve um papel fundamental com a criação dos movimentos e organizações que fizeram diferença, trazendo mudanças para a sociedade. Essa conjuntura traz repercussões para a estrutura do SEDUP, visto que em 1990, com a saída de D. Marcelo, esta entidade deixa de ser uma ação da diocese e torna-se uma associação autônoma sem fins lucrativos e não governamental coordenado à época pela irmã Maria Valéria Rezende, que após esse período deu continuidade aos mesmos projetos de educação popular e movimentos sociais.

Com o surgimento dos movimentos sindicais a instituição tinha como objetivo acompanhar, organizar e capacitar os representantes, o qual tinha como prioridade dar suportes necessários, ou seja, movimentando e mobilizando os sindicatos para que reivindicassem por melhores condições de vida, através da informação e do conhecimento.

O trabalho que é objetivado e realizado pelo SEDUP requer mobilização a fim de promover meios para uma transformação social. O que nos faz refletir o quanto é impossível

pensar numa organização popular em busca de seus direitos, levantando demandas e questionando criticamente a sociedade sem que passe pelo processo educacional, ou seja, diariamente misturamos a vida com a educação e isso se faz imprescindível no que diz respeito às lutas e as conquistas sociais (BRANDÃO, 1985).

Mover os sujeitos sociais é uma tarefa que requer esforço, tendo em vista que a opressão social acontece de maneira exacerbada e nítida, pois a igualdade não é algo que tende a ser cultivado no seio da sociedade brasileira, tendo em vista que vivemos em uma sociedade capitalista e exploratória desde os tempos da colonização.

Nesse viés de promover a igualdade de maneira solidária a fim de garantir a promoção de direitos a toda população o SEDUP passa a assumir uma postura de reivindicação de políticas públicas, onde no que diz respeito ao processo educacional visava contribuir para uma educação e participação cidadã nos diversos espaços públicos que geralmente a população com carência de assistência do governo desconhece.

É importante ressaltar que as mudanças que ocorreram na organização do SEDUP permitiu que ocorresse uma transformação no público atendido pelo serviço, sendo assim o foco inicial em se produzir material educativo para a classe trabalhadora passou a não ter mais um público específico, ou seja, passou a ter uma diversidade no público que era atendido pelas ações da associação.

O SEDUP não priorizava um público específico, mas atendia às demandas de um público variado. Recebia e atendia as solicitações relacionadas à educação tecnológica, à orientação econômica para atividades de produção comunitária, a treinamentos para alfabetização de jovens e adultos, à preparação dos cursos de formação para trabalhadores rurais em duas esferas, “base” e lideranças dos movimentos populares e sindicais na região (SEDUP, 2011, p. 07).

Percebemos então que pouco a pouco o SEDUP vai adquirindo o perfil de Serviço de Educação Popular, é um momento de organização dos movimentos em parceria com o serviço a fim de fortalecer a luta pela igualdade, justiça e equidade no meio social.

O surgimento do SEDUP na década de 1980 aconteceu justamente em um período que a população brasileira ansiava pela redemocratização do país onde pudéssemos escolher nossos governantes, pois vivíamos justamente no período da ditadura militar. Nesse período a intimidade do serviço para com os trabalhadores rurais foi imprescindível, considerando que esses trabalhadores vinham numa crescente luta pela reforma agrária e pelos direitos sociais, no entanto, com o golpe a pressão advinda dos militares e latifundiários recaiu sobre esses trabalhadores pesadamente.

Nesse contexto o SEDUP define suas linhas de trabalho: assessoria a sindicatos rurais e demais organizações populares (com formação de lideranças comunitárias e sindicais). E o acompanhamento aos grupos de base e lideranças sindicais (com acompanhamento aos movimentos organizados, aos agentes de pastoral e aos grupos de jovens) (*Ibid*, 2011, p. 07).

Com base no que foi exposto, somos remetidos à ideia de que nesse momento histórico, a palavra-chave que define o trabalho do SEDUP junto à comunidade é “organização”, usamos esse termo, pois diante da situação em que o país se encontrava o trabalho realizado pelo serviço foi de encontro a população a fim de que fosse promovida uma organização através do trabalho de base oriundo das camadas populares para aquisição de autonomia, tendo a educação popular como eixo norteador desse processo.

Segundo os autores, é necessário que vejamos a educação popular como meio de mobilização e organização através do trabalho de base, isto implica dizer que é uma maneira de chegar até as camadas mais populares a fim de que aconteça um ponto de partida para a vida política, ou seja, que essa parte da população possa participar ativamente e criticamente das tomadas de decisões sociais.

Em consonância com o pensamento desses autores temos uma definição de educação popular trazida pelo SEDUP que representa “como um processo que tem seu momento privilegiado na análise da realidade concreta, no planejamento e avaliação da ação” (SEDUP, 2011, p. 11).

Percebemos, portanto, que a educação popular após sua concepção parte de um trabalho pautado na coletividade, visando a promoção e garantia de direitos para um grupo e não para um indivíduo em particular.

2.2 O SEDUP e a Educação Popular: Revisitando um legado

Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso *poder*, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escolhas de outro jeito (FREIRE; NOGUEIRA, 2011, p. 19).

Começamos analisando a definição de educação popular que Paulo Freire nos apresenta, onde através da fala desse autor, percebemos que ele se refere a um modo educacional pautado nas experiências individuais e coletivas dos indivíduos enquanto sujeitos históricos. Nesse viés enxergamos a educação popular como uma ruptura com o modelo de educação que privilegia as camadas que detêm maior poder aquisitivo e passa a ter como

subsídio as vivências reais como pressupostos para uma organização popular.

Quando os indivíduos passam a se organizar a fim de reivindicar seus direitos se faz necessário que haja produção de conhecimento, onde os saberes tradicionais são aliados aos saberes que são produzidos coletivamente. Se nos referimos aos sujeitos oriundos das camadas populares, se faz necessário que essa produção de conhecimento seja pautada nos ideias provenientes da educação popular.

O que justifica a educação popular é o fato de que o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar o seu próprio saber... Estamos em presença de atividades de educação popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculando a aquisição de uma saber (que pode ser muito particular ou específico) com um projeto social transformador (BRANDÃO, 2006, p. 24).

Compreendemos a partir da fala do autor, em consonância com a fala de Freire & Nogueira (2011), que a educação popular se faz presente nos contextos sociais em que a luta por igualdade é contínua, ou seja, partindo do contexto formal da educação temos a educação popular como sistematização de saberes inerentes aos indivíduos que tem em si o engajamento nas questões e lutas sociais.

Para que se fale de educação popular, especificamente, no município de Guarabira, é preciso que se procure compreender como essa organização das camadas populares começou a acontecer até tomar a proporção que teve nos anos 80, discutiremos isso mais adiante. O que vale salientar agora é como o contexto social passou por transformações de maneira que novos agentes pudessem exprimir e trazer à tona, questões de interesse popular.

No município de Guarabira os movimentos sociais em torno da educação popular passaram a se organizar visando a erradicação do analfabetismo como diz Moreira (2011):

[...] em função da ausência do Estado no enfrentamento ao analfabetismo, começam a surgir iniciativas da sociedade civil para a organização de grupos para o desenvolvimento de ações educativas de alfabetização de jovens e adultos, tendo como inspiração o método de alfabetização de adultos criado pelo educador Paulo Freire na década de 1960 do século passado. A colaboração dos movimentos populares, das pastorais da Igreja Católica e dos centros de assessoria popular, a exemplo do SEDUP, na região do brejo paraibano, foi fundamental para a organização desses grupos de alfabetização que se foram criando nesse período (MOREIRA, 2011, p. 123).

Em consonância com a fala do autor percebemos a força que a união das camadas populares pode adquirir quando se concentra na busca do desenvolvimento da sociedade. A partir de sua organização é notória a ação do SEDUP na busca pela erradicação do analfabetismo no município de Guarabira. As práticas de educação popular nesse contexto representam o anseio por autonomia e liberdade, garantindo que haja uma busca para o

fortalecimento dos ideais advindos dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Inicialmente, o SEDUP teve essa preocupação com o analfabetismo, pois no município de Guarabira, mais precisamente na região do agreste paraibano, as taxas de pessoas analfabetas eram altas. Isso se confirma na fala de Moreira (2011) que nos relata que:

Nesse período, na região do brejo paraibano, a realidade educacional apresentava altos índices de pessoas analfabetas, com destaque para a zona rural onde o acesso à escola era difícil. Situação que só favorecia a continuidade do analfabetismo, principalmente entre as pessoas jovens e adultas, contribuindo para aprofundar um quadro de dependência e clientelismo político presente na região, no âmbito do poder local (MOREIRA, 2011, p. 125).

Com base na fala do autor, conseguimos perceber que na região onde se localiza o município de Guarabira durante os anos 80 a organização em torno de lutas e reivindicações por questões populares emergiam de toda a parte. É nesse contexto que o acesso à educação como meio de garantia para a busca por melhores condições de vida se tornou prioridade, principalmente por meio das ações que o SEDUP passou a desenvolver junto às populações do campo, com as lavadeiras e também as empregadas domésticas.

3 O MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS: CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

Para falar do movimento das lavadeiras e empregadas domésticas é necessário que além das pesquisas também haja a contribuição histórica de pessoas que fizeram parte desse movimento e que estiveram presentes nessas lutas. Buscamos nessa parte do trabalho expor como se deu o movimento e também mostrar a história contada pelas próprias lavadeiras.

3.1 História do Movimento

O mundo do trabalho nos coloca o desafio de olhar de modo equitativo todas as profissões. Mas, quando falamos de trabalho, em nível comum, algumas profissões como médico, professor, advogado, entre outras, recebem um lugar de prestígio em detrimento de outras. Profissões como lavadeiras e empregadas domésticas ficam subjugadas com um lugar de menor valor pelo fato de serem realizadas por mulheres que muitas vezes eram analfabetas, além de estarem sob domínio do olhar machista que as viam como pessoas inferiores.

Em décadas passadas o ingresso à escola era nutrido por obstáculos e a classe trabalhadora sempre caminhou na contramão da história, ou seja, enfrentou à necessidade de articular vida, trabalho e família. No entanto, a marginalização social e a falta de investimento na educação da classe trabalhadora resultavam no abandono dos estudos e acarretava na ocupação de atividades laborais que não necessitava de nenhum grau de escolaridade.

Ser lavadeira era buscar na atividade laboral de lavar e passar roupas de outrem seu sustento, o sustento de sua família, além de submeter-se a uma tarefa árdua, exigente e estereotipada. Viana (1998) traz em sua fala a visão que se tinha das mulheres lavadeiras, onde ele diz que:

Era fácil identificar uma lavadeira. A visão de uma mulher descalça, com uma trouxa de roupa à cabeça, nos dias de segunda-feira, era trivial. Andava pelas ruas, saias meio arregaçadas, seguida a curta distância por um filho ou filha de pouca idade, carregando galhos secos miúdos ou pontas de madeiras de desmancho reunidos num feixe. Esta era a mulher que levava roupa para a fonte, tipo que está gradativamente desaparecendo. Era a lavadeira, profissional de um dos mais duros e penosos trabalhos que se possa imaginar (VIANA, 1998, p. 01).

Percebemos a visão que pairava sob a figura da mulher que garantia seu sustento através da lavagem de roupa. Essas mulheres eram responsáveis por lavar e engomar (hoje dizemos passar) as roupas daqueles que eram tidos como a elite social. O trabalho era pesado,

pois elas tinham que muitas vezes carregar as trouxas de roupa suja até suas casas, fontes ou rios e depois retornar com elas para a casa dos respectivos donos das roupas, salientando que a atividade tinha baixa remuneração financeira.

O trabalho realizado por estas mulheres era de suma importância, porém invisibilizado. O termo ‘trabalho invisível’ vem sendo utilizado por estudos acadêmicos para caracterizar tipos de ocupação, em geral, com baixa qualificação, com pouco ou nenhum vínculo empregatício, em sua grande maioria, temporário e que se encontra fora dos sistemas de proteção social. Esse tipo de ocupação, muito presente na informalidade, gera uma invisibilidade social, pois não existem vínculos nem com o Estado nem com as instituições civis (MUNARI *et al*, 2017, p. 6).

Com base nessa citação podemos perceber como as lavadeiras em meio as dificuldades, exigências de patrões e atividades árduas eram invisibilizadas pela sociedade, essa percepção se dá através das observações que essas mulheres realizavam em meio a desvalorização da profissão, a falta de direitos que assegurassem a classe trabalhadora, a baixa remuneração, a precariedade nas condições de trabalho, dentre outros fatores que tratavam essa informalidade laboral com certo descaso.

Viana (1998) nos choca ao dizer que,

A lavadeira que se empregava nas casas tinha a vantagem de comer melhor ou, pelo menos, comer, na hora certa, comida de gente. Não gastava dinheiro com sabão nem precisava de procurar lenha. Tinha a desvantagem de não poder recusar esta ou aquela peça por se muito pesada ou difícil de lavar. [...] Quem ia para a fonte comia da maneira mais frugal possível. Carne do sertão assada na brasa com farófia de água quente ou fria; bacalhau assado regado com a porção de vinagre e azeite doce que o homem da venda botava misturado na vasilha. Umas poucas levavam o *feijão dormido*. O mais provável era, na lida da lavagem, esquecer de comer (VIANA, 1998, p. 01).

As lavadeiras podiam realizar a lavagem de roupa na “fonte” ou na casa dos patrões, no primeiro caso ela buscava as roupas e lavava fora da casa dos patrões, desse modo ficava longe da supervisão das senhoras podendo lavar ao seu jeito. Já a segunda ao lavar na casa dos patrões estava submetida a exigências impostas pelas senhoras e que deviam ser obedecidas a qualquer custo.

O que nos chama atenção é a precariedade nessas duas formas de trabalho, embora a função seja a mesma. A alimentação que elas recebiam quando estavam nas casas era o que se considerava “comida de gente”, já quando lavavam na fonte comiam pouco e muitas vezes na realização da lavagem nem sequer se alimentavam. Por outro lado lavar nas casas era não poder se recusar a lavar qualquer peça de roupa de quem quer que fosse, pois a

obrigatoriedade em realizar os mandados dos patrões estava ligada diretamente ao fornecimento de água, de sabão e de um prato de comida.

Em meio as adversidades enfrentadas nesse contexto, as lavadeiras durante as décadas de 1970-1980, período esse caracterizado pela massificação dos movimentos populares no Brasil se apresentam de maneira organizada de maneira que passaram a integrar grupos políticos de esquerda, assim como passaram a se aliar a movimentos feministas dos quais receberam apoio nas lutas pela aquisição de direitos, onde o movimento das lavadeiras se empoderou, ganhando assim notoriedade na sociedade brasileira.

No grupo das lavadeiras, notou-se a realidade do novo sujeito social que despontou como grupo, se organizou e se fundiu na mesma causa, transcendendo ao seu cotidiano doméstico em busca da sobrevivência e de sua autonomia política. O universo feminino com sua participação e capacidade de luta contribuiu na ampliação dos processos organizacionais, alargando os horizontes dos conflitos e as disputas ideológicas na sociedade, traduzindo-se na formação de movimentos sociais (PASSAURA, 2007, p. 60).

Segundo a autora, somos capazes de perceber que as lavadeiras transgrediram o minúsculo espaço que lhes era cabido, ou seja, elas passaram a reivindicar por autonomia política de maneira que pudessem ser ouvidas enquanto sujeitos sociais e participantes ativas na sociedade. O apoio aos até então pequenos grupos organizacionais começou a crescer e a fazer efeito mexendo com a conjuntura política e social do país.

Um dos obstáculos enfrentados por esse movimento era a falta de acesso à educação o que inviabiliza um discernimento maior dos objetivos de luta erguidos pelos integrantes desse movimento emergente. É nesse contexto que surgem ONGs, grupos, associações, dentre outros sujeitos, com o intuito de fazer com que por meio da educação popular o acesso à educação se efetive e possa fazer com que se haja uma criticidade despertada de maneira que as lavadeiras em seu engajamento político não se dispersem, mas sim tenham suas lutas fortalecidas de maneira que possam ter acesso a uma sociedade mais justa, equânime e igualitária.

Como já dissemos, o SEDUP, sempre defendeu os direitos do trabalhador. Mas, para isso, precisava de movimento de valorização de tal categoria, “pois trabalhador unido é sindicato forte”, como dizia o lema utilizado pelo movimento das lavadeiras e empregadas domésticas. Na década de 1980, especialmente o ano de 1982, foi fundado a Associação das Lavadeiras e Empregadas Domésticas de Guarabira – ALDEG.

Neste mesmo ano, tiveram início as primeiras reuniões, mesmo sem um lugar fixo

para se encontrar. Após a aprovação de um projeto enviado pelo SEDUP para a OXFAM², foi possível alugar uma casa que, embora velha, serviu de sede para o movimento, fazendo com que este tivesse a sua própria sede. Naquele contexto, existia um intercâmbio das associações de três municípios: Guarabira, João Pessoa e Campina grande, cujos sindicatos trabalhavam com mesmo propósito e estavam sempre trocando informações e realizando as mesmas atividades.

A partir de 1988, o padre Luís Pescarmona conseguiu aprovar um projeto para financiar a reforma de um antigo prédio da diocese, onde passou a funcionar o círculo operário. No período de 1988-1989 a associação passou a ter uma sala, nesse espaço, e sua sede fixa passou a ser naquele mesmo prédio, onde também funcionavam outros movimentos como a Pastoral Operária, a CUT e outros sindicatos. Este espaço foi uma grande conquista para essas organizações que passaram a ter um lugar fixo para a realização de suas atividades

Como seres humanos a nós é inerente a busca por realização e sobrevivência em meio a sociedade que tanto impõe padrões a serem seguidos, sendo assim conforme Passaura (2007) temos que:

O ser humano necessita de algo concreto para prosseguir em suas motivações. Para as lavadeiras, as motivações principais de sua luta e a descoberta para cuidarem de si mesmas foi a questão da valorização salarial, o que, para elas perpassa a dinâmica da autoestima, que se instala ao valorizar a satisfação das suas necessidades e de sua família dando-lhes o que há de necessário e melhor para o ser humano viver com dignidade (PASSAURA, 2007, p. 71).

A partir da fala da autora podemos analisar o quanto as trabalhadoras dessa categoria eram exploradas, onde moravam em péssimas condições, trabalhavam sem carteira assinada e sem tabela de preços para receber um valor merecido recebendo aquilo que o patrão quisesse pagar, por isso a importância desse movimento.

A busca pela aquisição de meios que garantisse o sustento da família era uma das motivações para que as lavadeiras se debruçassem sob a luta pela garantia de direitos onde tinham como maior reivindicação a valorização salarial, pois elas passaram a ser vistas como trabalhadoras autônomas, tendo em vista que muitas optavam por lavar as roupas em casa, sendo assim os patrões ficavam isentos de qualquer contribuição previdenciária e as lavadeiras por receberem míseros pagamentos não tinham condições de serem contribuintes, daí o engajamento por salários dignos.

² A *Oxfam International* é uma confederação de 19 organizações e mais de 3000 parceiros, que atua em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, desigualdade e da injustiça, por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais. Sua primeira filial internacional foi fundada no Canadá em 1963.

Quando as lavadeiras passaram a se organizar por meio da orientação advinda do SEDUP, foi criada uma diretoria que tentava desenvolver atividades para envolvê-las na luta da categoria para que pudessem ter os mesmos direitos das demais profissões, tais como: direito a carteira assinada, hora extra, décimo terceiro, férias e licença maternidade, objetivando o reconhecimento da profissão dentro dos termos da lei que tinha respaldo e embasamento na Constituição Federal de 1988. Então fizeram com que suas reivindicações chegassem até Brasília através de abaixo-assinados.

A associação era a esperança de que mulheres unidas e organizadas obrigariam os patrões a pagarem um salário justo, e sendo assim não seriam mais exploradas e conquistariam o respeito através de seus direitos.

3.2 A história do Movimento contada por Elas mesmas

Registrar as memórias do Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas requereu pesquisa e estudo. Devido à ausência de materiais que sistematizem a história desse movimento, realizamos entrevistas com personagens que tanto fizeram parte deste movimento quanto atuaram nele de maneira efetiva. Como já dissemos, após esse momento, transcrevemos os depoimentos de mulheres que fizeram parte do Movimento das Lavadeiras e das Empregadas Domésticas, em cujas falas elas narram acontecimentos advindos da época em que eram integrantes e participavam da luta desse segmento da classe trabalhadora.

A primeira entrevistada recupera como se deu o processo de escolarização das lavadeiras e quais contribuições deste para a organização do movimento *“Nós éramos discriminadas por não saber ler e nem escrever. Essa alfabetização de adulto surgiu entre nós. Hoje temos que saber ler, escrever pelo menos o nome”* (Suely Ferreira da Silva, 2019).

A escolarização é de extrema importância para a organização de qualquer grupo, sobretudo por permitir uma melhor expressão de seus anseios e lutas, sem dependências e podendo dizer a sua palavra. Essas mulheres, mesmo sem ter escolarização formal, possuem um saber popular experienciado e, nesse sentido, o conhecimento formal possibilitaria uma melhor organicidade da luta.

E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Adernais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 2003, p. 03).

Ainda, sobre o processo de escolarização, a entrevistada destacou a contribuição deste para tua formação pessoal e profissional. Ela nos conta:

No meu trabalho eu fazia de tudo. Ajudava na limpeza, fazia parte da diretoria e era educadora. Depois de escolarizada consegui agir melhor no trabalho. Nos encontros nós falávamos sobre elas, sobre o valor, as dificuldades enfrentadas no trabalho. A gente ia para o movimento na rua, para as manifestações. Fizemos abaixo-assinado e, assim, garantimos o direito a assinar a carteira de trabalho, as férias, as folgas, aos estudos. Conquistamos muitas coisas boas (Suely Ferreira da Silva, 2019).

Percebemos na fala da entrevistada como o movimento foi importante na vida das lavadeiras, pois trouxe subsídio para uma formação crítica acerca da realidade em que elas estavam inseridas. É importante ressaltar como a discriminação era frequente no cotidiano delas, pois o fato de ser lavadeira e/ou empregada doméstica implicava diretamente em ser inferiorizada na sociedade.

As conquistas obtidas, segundo o relato da entrevistada, vieram das lutas, das mobilizações, da ida para as ruas protestando por condições de trabalho mais justas. Através de seu relato notamos como a organização do movimento foi fator crucial para garantir que as trabalhadoras permanecessem unidas e pudessem de maneira unívoca lutar por seus direitos.

A segunda entrevistada trouxe, em sua narrativa, pontos referentes à sua atuação no movimento e quais conquistas foram obtidas.

Eu ajudava assim, eu comprava material como farinha de trigo, essas coisas e ia com elas para ensinar a fazer as comidas. E com as lavadeiras eu ensinava a questão de roupas, tapetes, lençol, retalhos (Cícera Virgínio de Freitas, 2019).

Evidenciamos, com isso, que o movimento trazia em seu seio, ideais de igualdade e de fraternidade. Aquelas que sabiam realizar determinada tarefa ensinavam as demais e, assim, o conhecimento era compartilhado e todas cresciam nesse aspecto. A validade do movimento é notória na fala da entrevistada, pois ela nos relata como a troca de conhecimentos foi importante e como a luta pelos direitos foi essencial.

Através de seu relato percebemos uma ressignificação de ideais propostas desde a Revolução Francesa, em 1789, que são a igualdade, a fraternidade e a liberdade. No contexto em que as lavadeiras se uniam destacamos a fraternidade retraduzida no princípio da solidariedade (GONH, 2011).

No que se refere às conquistas dessas mulheres, Cícera destaca:

Conseguimos muito conhecimento. Conseguimos um curso voltado para as empregadas domésticas. Muitas conseguiram o direito de carteira assinada, mas

depois derrubaram esse nosso direito. Começou com a gente juntando as mulheres, indo de casa em casa, muitas não acreditavam, não sabiam do que se tratava. Mas íamos falando da escravidão que os patrões faziam com as empregadas e até com os filhos das empregadas. A partir daí conseguimos ir juntando as mulheres que trabalhavam durante a semana e no domingo a gente se juntava com uma equipe que levava tudo para as reuniões lá no SEDUP (Cicera Virgínio de Freitas, 2019).

Em meio as lutas para que ocorresse uma promoção e garantia de direitos, a entrevistada nos relatou que algumas empregadas domésticas conseguiram conquistar alguns direitos, no entanto, infelizmente, ela nos retratou certo descompasso na promoção e na tomada desses direitos, visto que há uma marca de avanços e retrocessos nas questões profissionais das lavadeiras e das empregadas domésticas.

O SEDUP aparece na fala da entrevistada como um espaço de contribuição para a junção dessas mulheres, de maneira que elas pudessem ser ouvidas e que o trabalho realizado viesse colaborar para a formação crítica delas. O fato de elas poderem ser ouvidas já é bastante importante, pois era um momento de partilha de experiências vividas por elas de maneira oralizada.

A terceira entrevistada chegou a atuar como presidente da Associação e ela, inicialmente, nos relatou qual era maior reivindicação do movimento.

Passei dez anos como presidente da Associação das Empregadas Domésticas de Guarabira, pois havia um intercâmbio entre João Pessoa, Campina Grande e Recife. Esse movimento surgiu através da participação no movimento das mulheres trabalhadoras do brejo. Surgiu a partir daí a ideia de fundar um movimento das domésticas, lavadeiras, babás. Nesse movimento a gente falava sobre reivindicar o salário, pois os patrões pagavam o que queriam. Tinham patroas que pagavam e outras pagavam com comida. Nossa reivindicação era muito séria (Maria de Fátima Lima, 2019).

Percebemos que a pauta maior das reivindicações da ALDEG era a questão dos direitos trabalhistas com destaque para a carteira assinada e o recebimento do salário, pois além da precariedade de suas condições de trabalho, muitas mulheres eram exploradas de maneira a quase igualar-se a condição de escravidão, pois haviam patrões que as pagavam apenas com comida e outros pagavam o que lhe fosse conveniente.

Sobre a autonomia das empregadas domésticas reivindicarem seus direitos previstos na Constituição, como o direito ao salário, por exemplo, a entrevistada destaca que:

Quando o movimento surgiu eu trabalhava no SEDUP. Minha carteira foi assinada quando eu fui trabalhar no Paulo VI. O direito a carteira assinada já existia, mas eles não pagavam. Se alguma mulher fosse cobrar (esse direito) eles simplesmente colocavam pra fora, por isso muitas não cobravam com medo de perder seu emprego. Conquistamos o direito ao respeito. Muitas mulheres brigavam com os maridos por conta da participação dela nos movimentos e nas manifestações. Eles eram machistas e diziam que lugar de mulher não é fazendo movimento. Mesmo com brigas a gente ia pra rua do mesmo jeito. E com isso conseguimos muita coisa

boa (Maria de Fátima Lima, 2019).

A fala da entrevistada reflete as lutas que foram travadas, lutas diversas por condições justas de trabalho e pelo fim da exploração que muitas mulheres sofriam ao exercer essa atividade laboral.

Um ponto interessante é que as mulheres se organizavam, saíam em busca de seus direitos, mas tinham seus maridos que de maneira machista discordavam dessa organização e tentavam lhes impedir de lutar por seus direitos. A relação marido e família se opunha a tomada autônoma das mulheres no processo de luta por igualdade de direitos, no entanto, muitas mulheres romperam com essas ideias machistas e passaram a sair em busca de respeito em suas atividades laborais como também para a promoção e garantia de direitos trabalhistas.

Dessa forma por meio da fala dessas entrevistas conseguimos de maneira sucinta compreender como o movimento as lavadeiras e empregadas domésticas trouxe inúmeras contribuições para a vida de várias mulheres, de maneira que elas pudessem ter iniciativas por um bem coletivo, garantido e conquistando direitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de direitos analisando a atual conjuntura de nosso país é algo extremamente desafiador, uma vez que, enxergamos vários direitos sendo desrespeitados e retirados. No entanto, essa busca por direitos advém de lutas e reivindicações que se acumulam ao longo da história.

Por meio desse trabalho, pudemos conhecer e sistematizar a memória de um dos movimentos mais importantes do Brejo Paraibano – o Movimento das Mulheres Lavadeiras e Empregadas Domésticas de Guarabira. Antes, essas profissões eram vistas com olhar de inferioridade, pois as mulheres que nelas atuavam eram, em sua maioria, analfabetas, desvalorizadas na arte de seu fazer laboral. E, por esse motivo, sofriam com condições laborais de extrema precariedade e sem poder questionar pelo fato de estarem sob a ameaça de perder o emprego que garantia o sustento de suas famílias.

Nesse sentido, a mulher durante muito tempo, foi vista como símbolo de fragilidade e isso a resumia em ter sua imagem vinculada a do homem, subjugada aos ideais machistas. Mas, conhecendo esse movimento foi possível perceber como as mulheres se organizaram a ponto de derrubarem as ordens impostas pelos maridos, rompendo, assim, com os paradigmas machistas e garantido seu espaço de fala.

Destacamos, nesse trabalho, que o SEDUP foi de extrema importância para garantir a sobrevivência e organização do Movimento, dando subsídio para que ele pudesse atender essas mulheres as fazendo se sentirem parte integrante e ativa dele.

A figura da lavadeira e da empregada doméstica permaneceu, durante muito tempo, como uma figura pertencente às classes populares sem ascensão profissional, tampouco progresso salarial. A negação de direitos era notória e muitas mulheres desconheciam o real sentido do que eram férias, folgas e salário, por exemplo.

Esse trabalho permitiu que questões como essas pudessem ser levantadas e analisadas, pois vivemos em um país que é independente desde 1822 e livre desde 1888, mas o que acontecia em plenos anos 1980 era uma escravização de maneira maquiada, pois as mulheres não usufruíam de direitos que eram garantidos na Constituição Federal de 1988, tendo que trabalhar horas excessivas, não recebendo pagamento digno, entre outras tomadas de garantias.

A organização que ocorreu por parte dessas mulheres resultou em garantias de melhorias para suas atividades trabalhistas. Sendo assim, vale ressaltar que para essa organização acontecer foi necessário que o processo de educação popular ocorresse, pois a

realidade em que aquelas mulheres viviam passou a ser o ponto de partida para o processo do ensino e aprendizagem. Considerando esta questão, a garantia do direito à educação ou a processos educativos de alfabetização foi crucial, pois permitia que essas mulheres aprendessem a ler, a escrever e a ter sua criticidade incentivada, as fazendo enxergar que elas eram sujeitos históricos que contribuem para a organização e a transformação da sociedade, tornando mais humana e menos desigual.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.
- _____. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- GONH, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. V. 16. N. 47. 2011. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>> Acesso em 21 out. 2019.
- MOREIRA, Orlandil de Lima. **Memória da alfabetização de jovens e adultos na Paraíba: a experiência do SEDUP no PAJAS – programa de alfabetização de jovens e adultos**. Rev. Temas em Educação, João Pessoa, v.20/21, n.1/2, jan.-dez. 2011/2012. Disponível em:
<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/download/20223/11244>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- MUNARI, Amanda Bellettini; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de; MENEZES, Carlyle Torres Bezerra de. **A memória das lavadeiras da Lagoa das Capivaras, Garopaba (SC), Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017. Disponível em:
<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499282884_ARQUIVO_M_M_FG-VERSAOFINAL.pdf> Acesso em: 15 set. 2019.
- PASSAURA, Lourdes. **A intensificação da qualidade de sujeito nas mulheres da associação das lavadeiras de Lins**. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, 2007. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98627/passaura_1_me_fran.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 set. 2019.
- PARAÍBA. SEDUP. **Relatório Trienal (2004 – 2006)**. Guarabira: 2007.
- _____. SEDUP. **Serviço de Educação Popular**. Guarabira: 2011.
- _____. SEDUP. **Serviço de Educação Popular: 30 anos**. Guarabira: 2015.
- VIANA, Hildegardes. **As lavadeiras faziam assim**. 1998. Disponível em:
<<http://jangadabrasil.com.br/novembro/of31100a.htm>> Acesso em: 15 set. 2019.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ROTEIRO DA ENTREVISTA:

1. Data.
2. Local.
3. Horário.
4. Nome da entrevistada.
5. Idade.
6. Escolaridade.
7. Período em que permaneceu no movimento.
8. Conte a história dos Movimentos das Lavadeiras e Empregadas Domésticas
9. Qual a relação do Movimento com as expressões da Educação Popular na Década de 1980
9. Qual a contribuição do Movimento para o processo de organização das mulheres?
10. Que limites o Movimento apresentava?
11. Deseja acrescentar algum outro dado

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa trata das **Reflexões acerca dos Movimentos das lavadeiras e empregadas domésticas da cidade de Guarabira e Região na década de 1980**. Está sendo desenvolvida por **Fabiana Lima da Silva**, aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof^a. Dr^a. Verônica Pessoa da Silva.

Tem por objetivo geral retratar a história da Associação das Lavadeiras e Empregadas Domésticas, como uma experiência expressiva de Educação Popular, através das narrativas orais contadas pelas componentes do referido movimento.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, você não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo ou resolver, a qualquer momento, desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (quando for o caso).

Solicito sua permissão para que a entrevista seja gravada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Fabiana Lima da Silva

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Fabiana Lima da Silva

Endereço: R.: Luiz Galvão, nº 577, Bairro Novo, Guarabira.

Fone para contato: (83) 99339-3485.

Assinatura(a) do participante da pesquisa:

Nome: Suely Ferreira da Silva

Endereço: Cardeal Braga N: 295 B. São José

Fone para contato: 988337553

Suely Ferreira da Silva

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Fabiana Lima da Silva

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Fabiana Lima da Silva

Endereço: R. Luiz Galvão, nº 577, Bairro Novo, Guarabira.

Fone para contato: (83) 99339-3485.

Assinatura(a) do participante da pesquisa:

Nome: *Luciana Virginia de Freitas*

Endereço: *R. Santa Izabel nº 271 NOROESTE I*

Fone para contato:

Luciana Virginia de Freitas

Assinatura do(a) Participante

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Fabiana Lima da Silva

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Fabiana Lima da Silva

Endereço: R.: Luiz Galvão, nº 577, Bairro Novo, Guarabira.

Fone para contato: (83) 99339-3485.

Assinatura(a) do participante da pesquisa:

Nome: Maria de Fatima Lima

Endereço: R. Joca Cortez nº 225 B SANTA TEREZINHA

Fone para contato: 98682-0794

Maria de Fatima Lima

Assinatura do(a) Participante

ANEXO B – FOTOS DAS ENTREVISTADAS E DOS MOMENTOS DE ENCONTRO DAS LAVADEIRAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS



FOTO 01: Momento de fala de uma das integrantes do Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas (**Fonte:** Maria Cecília, 1987).



FOTO 02: Momento de Encontro entre as participantes do movimento (**Fonte:** Maria Cecília, 1987).



FOTO 03: Mobilização organizada pelas integrantes do movimento (**Fonte:** ALDEG, 1988).



FOTO 04: Momento de encontro para a realização da aula (**Fonte:** ALDEG, 1987).



FOTO 05: Momento de encontro para a realização da aula (**Fonte:** ALDEG, 1987).



FOTO 06: Realização de mais uma aula (**Fonte:** ALDEG, 1987).



FIGURA 01: Matéria jornalística acerca das reivindicações advindas do movimento.

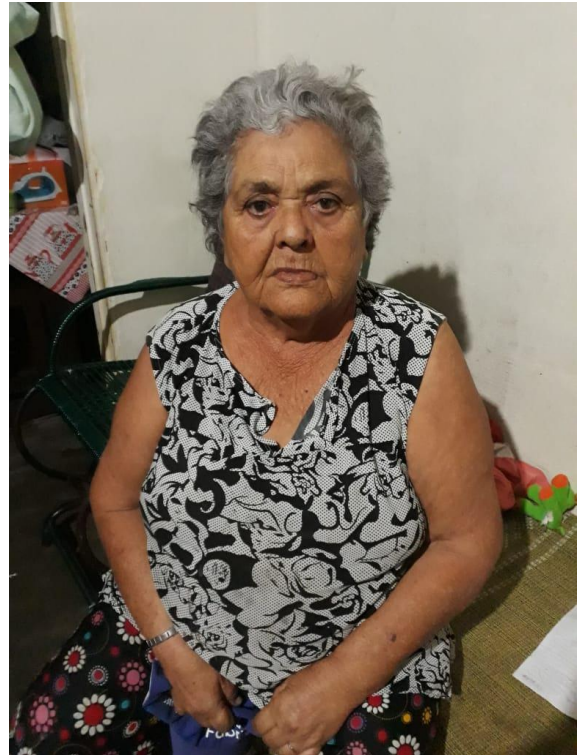


FOTO 07: Cicera Virgínio de Freitas – 77 anos (Fonte: Fabiana Lima, 2019).



FOTO 08: Suely Ferreira da Silva – 58 anos – Fez parte do Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas (Fonte: Fabiana Lima, 2019)..



FOTO 09: Maria de Fátima Lima – 63 anos – Fez parte do Movimento das Lavadeiras e Empregadas Domésticas (Fonte: Fabiana Lima, 2019)..